

Todos os amigos do presidente

São Paulo — Alguns estão ocupando cargos no governo, outros não. Mas todos — oito proeminentes figuras — têm uma coisa em comum: são alguns dos amigos mais próximos do presidente Sarney. Quatro são empresários — Dilson Funaro, Matias Machline, Murilo Mendes e Luis Bocalato; um é cafeicultor — Roberto de Abreu Sodré; outro é jurista — José Saulo Pereira Ramos; um é editor de livros — Alvaro Pacheco; e o último, banqueiro — Elmo de Araújo Camões. Dois deles, Funaro e Sodré, já estão no ministério, ocupando, respectivamente, as pastas da Fazenda e das Relações Exteriores. Saulo foi agora nomeado consultor-geral da República. Os outros mantêm-se afastados da administração federal, mas não escondem sua influência no governo.

Pertencem também ao círculo restrito de amigos do presidente o governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira, e os ministros da Irrigação, Vicente Fialho, e dos Transportes, José Reinaldo Tavares.

Sodré, desde a UDN amizade em códigos

José Sarney e Abreu Sodré estiveram juntos apoiando a candidatura de Jânio Quadros, na convenção da UDN de 1960, em que o candidato próprio do partido, Juracy Magalhães, perdeu a indicação para a presidência da República. Desde então, José Sarney e Roberto Costa de Abreu Sodré são grandes amigos e estiveram juntos na UDN, na Arena e agora na Aliança Democrática que elegeu Tancredo Neves e levou Sarney ao poder. O presidente da República tem, hoje, em seu ministro das Relações Exteriores um dos principais interlocutores em conversas sobre política, amenidades ou assuntos econômicos específicos como o café, em que Sodré — que foi governador de São Paulo de 1966 a 1970 — é um especialista: Cafeicultor, deixa a presidência do Conselho Nacional do Café para entrar no Palácio dos Arcos.

É uma amizade cheia de códigos e de gestos simpáticos de parte a parte: Sarney confessou a um amigo comum que se divertiu quando Sodré telefonou para comunicar que Fernando Henrique Cardoso tinha vencido a eleição municipal de São Paulo a 15 de novembro. Na verdade, ganhara Jânio, como todos sabem. Em compensação foi Sodré o primeiro e privilegiado leitor do primeiro discurso que o presidente fez à nação, a 22 de julho do ano passado. Sodré influenciou na escolha do presidente do Instituto Brasileiro do Café e, antes de ser chanceler, na qualidade de um apaixonado pela cultura francesa (é proprietário de um apartamento na sofisticadíssima Avenue Foch, em Paris), já dava palpites sobre política externa.

A exemplo de Sarney, Sodré Costa gosta de ser identificado como um liberal, na linha de udenistas históricos, como Aliomar Baleiro e Afonso Arins. Como governador de São Paulo, porém, deu outro tom a sua biografia: foi no quadriênio de sua passagem pelo Palácio dos Bandeirantes que funcionou a Operação Bandeirantes (Oban), uma conexão empresarial-militar de combate à guerrilha urbana por métodos violentos como a tortura e a morte.

Funaro, o primeiro a integrar o ministério

"O presidente é um inquisidor", assim o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, define José Sarney, que conheceu, em 1966, quando secretário estadual de Planejamento do ex-governador Abreu Sodré. Funaro, segundo seus amigos, admira o interesse que o presidente tem em conhecer profundamente os problemas econômicos do país: "O presidente quer saber todos os detalhes, pergunta, repregunta e está profundamente preocupado com a questão da inflação", diz Funaro.

Controlador acionário da Trol — fabricante de brinquedos e utilidades domésticas em plástico — Dilson Funaro acabou assumindo o ministério da Fazenda através da indicação do atual ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré. Em julho do ano passado, quando o presidente mostrou descontentamento com a atuação do ex-ministro Francisco Dornelles, Sodré lembrou-lhe que poderia colocar na Fazenda o então presidente do BNDES. Sarney aceitou a sugestão.

Amigo de Matias Machline e de Luis Bocalato, Funaro mantém outras ligações de amizade no meio empresarial paulista, conquistadas durante o período em que ocupou a vice-presidência da Federação das Indústrias do estado, na gestão de Theobaldo de Nigris. Ao lado do superintendente do Grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, Funaro sempre formou uma frente de defesa da iniciativa privada e da redução da atividade estatal na economia.

O ministro da Fazenda, Fulgencio (PT), provável candidato petista ao governo de São Paulo. Considerado um liberal e admirado pela franqueza com que expressa suas idéias, Funaro chegou a romper com o atual presidente da FIESP, Luis Eulálio de Bueno Vidigal Filho, em 1980. O ministro apoiava o opositor de Vidigal, Theobaldo de Nigris. De Nigris perdeu a eleição e, no ano passado, Funaro e Vidigal voltaram a ser amigos.

Mendes, 180 viagens a Brasília em um ano

O engenheiro e empresário Murilo Valle Mendes, 60 anos, é amigo pessoal do presidente Sarney há mais de 20 anos e agora integra o restrito círculo de pessoas que frequentam a Fazenda São José do Piricumã, nos arredores de Brasília, e o Palácio da Alvorada. Seu relacionamento com Sarney começou quando a empresa Mendes Jr. construiu no Maranhão a usina hidrelétrica de Boa Esperança. A época, governador do estado, Sarney aproximou-se de Murilo Mendes por seu interesse pela literatura.

Discreto e de hábitos simples — recentemente casou duas de suas três filhas e não convidou nenhum político — Murilo Mendes se considera sem queda para a política. Ao receber o convite para ocupar o ministério das Relações Exteriores, ele próprio confidenciou a seus amigos que "não dava para isso". Principal executivo de um conglomerado de mais de 20 empresas (30 mil empregados, 12 mil deles no exterior), Murilo Mendes vive sua empresa 24 horas por dia. Mas no ano passado chegou a viajar de Belo Horizonte a Brasília, em seu jato particular, 180 vezes.



Saulo, de advogado a anfitrião

O novo consultor-geral da República, José Saulo Pereira Ramos, conheceu o presidente José Sarney na década de 60, quando foi indicado pelo escritório do jurista Vicente Rao para prestar assessoria jurídica às empresas de mineração e navegação de Sarney. Nos últimos 20 anos, a relação entre os dois deixou de ser profissional e se transformou em amizade, a ponto de o presidente se hospedar, sempre que viajava a São Paulo, na residência de Ramos, na Chácara Flora, Zona Sul da capital.

Autor do parecer que viabilizou a candidatura de Sarney à vice-presidência de Tancredo Neves — opositores de Sarney alegavam que ele não poderia ser vice pelo PMDB se fora eleito senador pelo PDS, mas Saulo provou que ele fora eleito pela Arena, partido extinto. O jurista soube, antes do ex-governador Abreu Sodré, que este seria o indicado para ocupar o Ministério das Relações Exteriores.

Para o novo especialista em Direito Constitucional e Processo Civil, Saulo Ramos já defendia junto a Sarney, antes mesmo de este formar a chapa com Tancredo Neves, a necessidade de uma reformulação total na Constituição. Política, economia, assuntos jurídicos fazem sempre parte da conversa dos dois amigos que, quando não se visitam, mantêm constantes conversas telefônicas.



Para o novo consultor-geral, Sarney é um homem culto, ponderado, equilibrado e com uma formação profundamente humanista. "Sarney tem o equilíbrio que faltou nos nossos últimos presidentes", costuma dizer Saulo aos amigos.

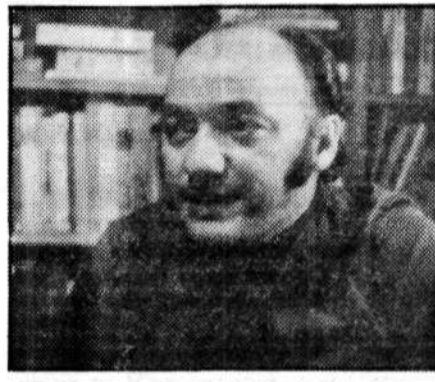
Paulista de Brodowski, cidade em que nasceu Portinari, Saulo tem uma conversa envolvente e Sarney costuma ouvi-lo mais do que falar, revela um dos advogados que trabalham com Ramos. Amigo de Che Guevara — que conheceu em um congresso latino-americano e com quem manteve longa correspondência.

Pacheco, poesia em primeira mão

O piauiense Alvaro Pacheco, poeta e industrial radicado no Rio, é amigo e confidente do presidente da República há 31 anos. Mas não aceita favores nem pedidos para interceder em benefício de terceiros. No ano passado, impediu que o filho Alvaro Júnior fosse nomeado para um cargo na Embrafilme. Há testemunhas de seu papel em um caso em que Alvaro se recusou até a ouvir proposta para intermediar negócios na área da aviação civil.

— Continuo sendo apenas o amigo de sempre — diz Alvaro Pacheco, que conheceu Sarney na casa do escritor Odylo Costa, filho. Na época, o presidente era suplente de deputado federal pelo Maranhão e já gostava de literatura, como Alvaro, autor de 11 livros. Na sua editora Artenova, ele publicou cinco livros de Sarney. Foi também o responsável pelo lançamento da vitoriosa candidatura do amigo à Academia Brasileira de Letras.

Em sua cinematográfica casa no Joá, com vista para a Barra da Tijuca, Alvaro Pacheco construiu um quarto exclusivamente para Sarney, que, no entanto, sempre preferiu dormir no Hotel Glória. Quando ainda não era presidente, Sarney, sempre que vinha ao Rio, ia à casa do amigo, habitualmente o primeiro ouvinte de suas poesias. Ao completar 51 anos, no ano passado, Pacheco teve sua festa de aniversário prestigiada por Sarney, que levou



outros dois amigos: Matias Machline e Abreu Sodré.

Nomeado "sem saber" como conselheiro do Conselho Federal de Cultura, função pela qual recebe apenas jetons de Cr\$ 300 mil por sessão, Alvaro Pacheco nega que o presidente proteja os amigos:

— Alguns amigos estão no ministério mais por serem competentes. O presidente jamais escolheria alguém apenas por ser amigo.

Além de confiar em Sarney, Alvaro Pacheco procura ajudá-lo como "observador informal", enviando elogios, críticas e sugestões.

Machline, padrinho de Rosenberg

Um dos maiores fabricantes de eletrodomésticos e computadores do país, Matias Machline, presidente do Grupo Sharp, é considerado também o maior amigo do presidente José Sarney. Tanto que as duas famílias costumam frequentar-se com a naturalidade dos parentes próximos. Fernando, um dos filhos do presidente, é também amigo íntimo dos filhos de Machline, desde os tempos em que estudou na Universidade Mackenzie, onde se formou em engenharia.

Machline é tão íntimo do presidente Sarney que, alguns dias antes da definição do novo ministério, encontrou-se sem querer com Antônio Ermírio de Moraes, presidente do Grupo Votorantim, na porta do restaurante Ca'D'oro, na rua Augusta, e lhe fez uma revelação, em primeira mão: "Antônio, você vai ser convidado para ser ministro".

O presidente do maior conglomerado industrial do país, de forma polida, porém meio assustado com a informação, respondeu a Machline: "Se isso for verdade, não poderei aceitar, pois ainda tenho muita coisa que fazer na Votorantim". A notícia foi confirmada, há pouco mais de uma semana, no dia 7, quando Antônio Ermírio foi convidado para ir a Brasília pelo seu amigo e ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e acabou ouvindo o convite oficial para ocupar o ministério das Relações



Exteriores. Ele recusou o convite, mas, se duvidou de Machline, nunca mais o fará.

O presidente da Sharp acha Sarney "um homem culto e sempre disposto a conversar sobre qualquer assunto. Pena que os amigos não tenham mais tempo para aprender com o presidente. Olhe que eu digo isso não porque sou amigo dele, muito antes da presidência, mas é que ele é culto mesmo". Machline gosta pouco de política, prefere falar sobre economia. Foi ele quem indicou o economista Luis Paulo Rosenberg para ser uma espécie de consultor econômico da presidência da República.

Elmo, padrinho de Roseana

Com o banqueiro Elmo de Araújo Camões, presidente do Conselho de Administração do Banco Sogeral e também da Associação Brasileira de Bancos Comerciais, o presidente José Sarney fala de tudo, de inflação a futebol. Camões, um velho amigo, também é padrinho de casamento de Roseana e Jorge Murad e recentemente entregou um estudo ao presidente com propostas para atrair capitais estrangeiros para algumas áreas industriais.

— Sarney é um amigo leal e decente. Ele vestiu a camisa da presidência e está exercendo-a com competência — comenta o banqueiro, que até ao voltar de viagens procura um contato com o presidente para contar as novidades. "Conto o que vi, falo sobre o que pode ser feito ou o que está errado. Amigo é para essas coisas, sem dúvida alguma".

Elmo Camões comenta a preocupação dos empresários com o crescimento contínuo da inflação e dá conselhos e sugestões para combatê-la. "Não tenho dúvidas de que Sarney e sua equipe acabarão por derrotá-la".

Nos velhos tempos, conta o banqueiro,



José Sarney chegou a ter residência em São Paulo, já que seu filho Fernando estudava engenharia no Mackenzie. "Depois, ele preferia hospedar-se em hotéis ou em casa de amigos. E o que mais me gratifica é que ele não mudou nada. É o mesmo homem que conheci".

Segundo Camões, o novo ministro da Previdência Social, Rafael de Almeida Magalhães, também é amigo de Sarney.

Bocalato, consultor agrícola

Luis Bocalato, presidente do Grupo Copas — um dos maiores do setor de fertilizantes — transformou-se em uma espécie de consultor de assuntos agrícolas do presidente José Sarney, de quem é amigo há mais de 20 anos, mas, como costumam fazer os amigos íntimos, falam também sobre vários assuntos sempre que ele vai a Brasília, uma vez por mês, ou através de frequentes contatos telefônicos.

Além de fazer com frequência previsões sobre safras, pois Sarney demonstra grande interesse pelo crescimento contínuo da produção nacional de grãos, o empresário costuma defender junto ao presidente a necessidade de uma política agrícola para o país. Outra de suas contribuições — vale dizer influência — foi a elaboração e entrega ao presidente da República de um estudo sobre valores básicos de custeio (VBCS) para a agricultura.

Considerado um dos mais importantes integrantes da chamada "conexão paulista" de apoio a Sarney, o presidente da Copas mantém estreito relacionamento com Matias Machline, do grupo Sharp, e com o novo ministro das Relações Exteriores, Abreu So-



dré. Os três formam um triângulo criado há mais de 20 anos, cujo objetivo básico é ajudar o velho amigo. "Gostaria de ajudar mais", porém ultimamente "tem sido difícil falar com o presidente, que sequer tem mais horário de parar de trabalhar". Ainda assim, Bocalato — um dos padrinhos de casamento de Roseana, filha do presidente — defendeu junto a Sarney um amplo programa de irrigação, problema que, agora, será atribuição de um ministério.